Revista Espaço Acadêmico – n. 227 – mar./abr. 2021 – bimestral
ANO XX – ISSN 1519.6186

Oxum e ekedis: a ancestralidade feminina negra dos terreiros refletido nas redes sociais

CRISTIANO SANT'ANNA*

ISADORA SOUZA SILVA**

Resumo: Partindo da "educação nos terreiros" (CAPUTO, 2012), em consonância com o conceito de "matripotência" (OYĚWÙMÍ, 2016) e na tessitura das relações feministas vivenciadas nas religiões de matriz africana, esse artigo busca, no entrecruzamento de duas pesquisas de Doutorado, propor uma reflexão sobre os saberes oriundos dos terreiros que transbordaram para além de seus espaços físicos e atualmente ocupam algumas páginas das redes sociais, como o Facebook. Esse transbordamento possibilita a ampliação da visibilidade da religião de matriz africana e pode contribuir na luta antirracista, especialmente, contra o racismo religioso. Tendo o feminino conduzindo as pesquisas, pelas mãos de Oxum, orixá feminino da cultura iorubá, e as Ekedis, cargo dado somente às mulheres nessas religiões, pretendemos trazer à discussão como as redes sociais podem promover estratégias de luta e fonte de empoderamento para meninas e mulheres pertencentes à religião que, a cada dia, ganham mais territórios.

Palavras-chave: Terreiros; Oxum; Ekedis. Feminismo; Redes sociais.

Oxum and ekedis: the black female ancestry of the terreiros reflected in social networks

Abstract: Starting from the "education in the *terreiros*" (CAPUTO, 2012), in line with the concept of "matripotence" (OYĚWÙMÍ, 2016) and in the weaving of feminist relations experienced in religions of African origin, this article seeks, in the intersection of two Doctorate researches, propose a reflection on the knowledge from the *terreiros* that overflowed beyond their physical spaces and currently occupy some pages of the social networks, such as Facebook. This overflow makes it possible to increase the visibility of African-based religion and can contribute to the anti-racist struggle, especially against religious racism. Having the feminine conducting the research, through the hands of Oxum, the feminine orixá of the Yoruba culture, and the *Ekedis*, a position given only to women in these religions, we intend to bring to the discussion how the social networks can promote strategies of struggle and source of empowerment for girls and women belonging to religion, who gain more territories every day.

Key words: Terreiros; Oxum; Ekedis; Feminism; Social networks**.**

* **CRISTIANO SANT'ANNA** é Doutor e Mestre em Educação pelo Proped/UERJ, Pós-doutorando em Educação pelo Proped/UERJ. Vice Coordenador e Pesquisador do Grupo de Pesquisa Kékeré (UERJ/PROPED/CNPQ), Pesquisador do Grupo de Pesquisa Currículo, Narrativas Audiovisuais e Diferença (UERJ/PROPED/CNPQ), Professor e Coordenador Pedagógico SEEDUC/RJ..

** **ISADORA SOUZA SILVA** é Mestre em Educação, Cultura e Comunicação pela UERJ; doutoranda em Educação pelo PROPED/UERJ; professora da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro.

Espelhos de Oxum – Foto: Cristiano Sant'Anna

Introdução

Olómi máa,
Olómi má iyò
Olómi má iyò
Eni ayaba odò yèyé o!
Senhora eterna das águas
Senhora das águas doces
Senhora das águas doces
Rainha única do rio, oh Mãezinha!
Cantiga de Oxum

A cantiga que abre a nossa introdução, é entoada nos terreiros para o Orixá feminino Oxum, uma deusa africana da cultura iorubá, uma ancestral, uma yabá. O termo significa mãe rainha, mas no Brasil, utilizamos esse termo para todas os Orixás femininos como Oxum (orixá das águas doces e cachoeira), Iemanjá (orixá dos mares), Iansan (orixá dos ventos e tempestades), Nanã (orixá dos pântanos). Oxum, tem como domínio as energias do amor, da riqueza, da fecundidade, da gestação e da maternidade.

Na mitologia iorubá[1], os Orixás são ancestrais divinizados pelas forças da natureza, representados nas águas do mar, dos rios, das chuvas, nos raios, trovões, ventos... Trazidos no processo

[1] Optamos por utilizar, ao longo do texto, as palavras em iorubá, escritas como no português, dispensando assim, a grafia e acentuação utilizadas nessa língua.

da diáspora africana para terras colonizadas, do lado de cá do Atlântico, e aqui no Brasil, cultuado subversivamente, bem abaixo das vistas do colonizador, de forma clandestina, no interior das senzalas. Essa ancestralidade sobreviveu, deu forças para homens e mulheres, de diferentes idades a resistirem, e se misturou à cultura local, transformando-se num grande sistema cultural, presente, até os dias atuais, nas chamadas religiões de matriz africana. Orixás, para além de divindades africanas, trazem força, exemplo de vida e resistência, e estão presentes nos cotidianos daqueles que os cultuam.

O corpo individual, na cosmogonia africana, é considerado um receptáculo sagrado e, por isso, é o primeiro espaço sacralizado dessas religiões, seguido do corpo coletivo, da família espiritual na qual a pessoa se encontra, concentrado no espaço físico, conhecido como terreiro. Nos espaços dos terreiros, as culturas trazidas pela diáspora africana, à força, foram e são perpassadas e mantidas até hoje.

Nesses espaços ritualísticos, forjados e sacralizados pelas religiões de matriz africana, os nossos ancestrais resistiram e se reinventaram para que esse culto não desaparecesse, para que a memória da família africana se mantivesse viva, mesmo fora da sua raiz, da sua terra, do seu continente, como desejavam e impuseram os colonizadores a todos os escravizados, quer seja mudando seus nomes africanos ou proibindo-os de realizar seus cultos advindos de sua terra natal. Salientamos que a fundação do primeiro terreiro data do século XIX[2], ainda período de escravização no Brasil.

Ao longo dos séculos, os terreiros e as religiões de matriz africana sempre sofreram perseguições na nossa sociedade, entendido hoje como racismo religioso. Nesse processo excludente, muitos terreiros e seus adeptos se mantiveram no anonimato e o que acontecia nos terreiros sempre foi transmitido aos filhos e filhas de santo, como são comumente chamados, como segredos a serem mantidos somente entre seus praticantes e limitados aos espaços do terreiro.

No contexto atual, na nossa contemporaneidade, com o avanço das tecnologias e as mudanças nas dinâmicas comunicacionais em rede, associado às táticas de luta antirracistas e feministas, outros espaços ganham protagonismo para difusão das religiões de matriz africana no Brasil, que extrapolam os muros dos terreiros, entre elas, as redes sociais.

Nesse artigo, no entrecruzamento de duas pesquisas de Doutorado que utilizam a Educação de crianças de terreiros, campo inaugurado por Caputo (2012), propomo-nos a pensar como algumas páginas das redes sociais, como o Facebook, incentivam ao debate, permitindo maior visibilidade da religiosidade de matriz africana e da luta antirracista. Apresentamos, como condutor da pesquisa, o feminino pelas mãos do orixá Oxum e das Ekedis, cargo dado somente às mulheres nos terreiros de candomblé no Brasil. Nosso objetivo é trazer à discussão como essas redes sociais podem promover estratégias de luta e fonte de empoderamento para meninas e mulheres pertencentes à religião, que a cada dia ganham mais

[2] O Terreiro da Casa Branca do Engenho Velho, fundado na década de 1830, é o terreiro de culto afro-brasileiro mais antigo do qual se tem registro na capital baiana (Salvador) e, possivelmente, o mais antigo em funcionamento no Brasil.

territórios. É o feminino dos candomblés transbordando para além dos terreiros.

Oxum: deusa da beleza e símbolo da matripotência

Como mencionamos em nossa introdução, optamos, nesse texto, trazer para nosso diálogo, a representatividade da feminilidade ancestral negra de Oxum, orixá feminino que, dentre muitas representações a que lhes foram atribuídas, estão a doçura, a maternidade e o feitiço. É a dona do grande poder feminino, a própria criação. Sem ela, nada prospera, nada frutifica, nada gera.

Existem vários itans, que são um conjunto de mitos do povo iorubá transmitidos oralmente, através dos tempos, que relatam a força de cada orixá do panteão iorubano, criando uma verdadeira mitologia africana. Destacaremos aqui um itan que nos traz a potência desse orixá feminino, cujo título é: "Oxum faz as mulheres estéreis em represália aos homens":

> Logo que o mundo foi criado, todos os Orixás vieram para a Terra e começaram a tomar decisões e dividir encargos entre eles, em conciliábulos nos quais somente os homens podiam participar. Oxum não se conformava com essa situação. Ressentida pela exclusão, ela vingou-se dos orixás masculinos. Condenou todas as mulheres à esterilidade, e sorte que qualquer iniciativa masculina no sentido da fertilidade era fadada ao fracasso. Por isso, os homens foram consultar Olodumare. Estavam muito alarmados e não sabiam o que fazer sem filhos para criar nem herdeiros para deixar suas posses, sem novos braços para criar novas riquezas e fazer as guerras e sem descendentes para não deixar morrer suas memórias. Olodumare soube, então, que Oxum fora excluída das reuniões. Ele aconselhou os orixás a convidá-la, e as outras mulheres, pois sem Oxum e seu poder sobre a fecundidade nada poderia ir adiante. Os orixás seguiram os sábios conselhos de Olodumare e assim suas iniciativas voltaram a ter sucesso. As mulheres tornaram a gerar filhos e a vida na Terra prosperou (PRANDI, 2001, p. 345).

Nesse itan, Oxum mostrou sua astúcia, sua perspicácia e seu poder gestacional, o poder feminino da criação e, consequentemente, a valorização dessa característica para a humanidade.

Mãe generosa e protetora de seus filhos, principalmente das crianças, seres inocentes e sem maldade, zelando por elas desde o ventre até que se tornem independentes, é Oxum que determina quem vai ou não nascer, o que a faz ter uma ligação muito grande com as mães ancestrais, sendo ela própria a primeira delas.

Oxum, também é conhecida, popularmente, pela sedução e vaidade. Regente do domínio de sexualidade e fecundidade, por vezes, é limitada ao arquétipo da mulher fútil e vaidosa, o que acaba por secundarizar o poder e a sabedoria sagrada da sexualidade, do poder gestacional de criar e fecundar, não apenas filhos, mas todo o potencial criativo em todos os setores da vida, entre eles, o corpo coletivo de famílias e suas potências de criação.

Como orixá da beleza e vaidade, sua representação está ligada a uma mulher que segura um espelho. O abebê de Oxum, seu espelho, é considerado um símbolo de contemplação do belo, vaidade feminina e, até mesmo, da futilidade. Muitas vezes, é assim que Oxum é vista: apenas como a representação da beleza, da mulher que fica sentada na cachoeira, contemplando, de forma narcísica, sua

própria beleza. Seria essa mais uma das tentativas de subordinação e detrimento da ancestralidade africana na secundarização deste orixá.

Embora tenha toda sua vaidade, esse orixá representa muito mais que isso. Oxum é o pilar, não só corpóreo, físico e biológico, como também sustentáculo de conhecimento, de potência política e econômica. Por isso, Oxum ocupa o cargo de Yalodê. Na tradição do povo iorubá, esse termo quer dizer grande senhora, grande dama da sociedade, aquela que lidera as mulheres da cidade, exercendo um papel fundamental e imprescindível na comunidade, provando assim, que não só à vaidade e futilidade Oxum deve estar relacionada. Ou seja, desde a ancestralidade, Oxum nos mostra como as mulheres souberam subverter a lógica patriarcal e machista dominante que trazemos nos movimentos de resistência até então:

> Ao contrário do raciocínio ocidental, as mulheres negras evidenciaram destreza corpórea, em submissão política em defesa do abolicionismo e do sufrágio, preocupadas em superar toda e qualquer opressão, sem que, para isto, credenciais acadêmicas validassem esse conhecimento (AKOTIRENE, 2019, p. 3).

Oxum é como a água, que vai penetrando com todos os seus meandros, que sabe aonde quer chegar e usa todo seu poder para conquistar o que deseja. Oxum é a água que não vê fronteiras nem limites e vai levando seu curso. A água expande e, por isso, Oxum é expansão.

A água também é um espelho, que é um símbolo de Oxum, como já dissemos. Seu abebê, reflete e rebate, mostra o feminino e traz sua força multifacetada. É assim, um instrumento de superioridade, que representa o ventre e o poder das mães ancestrais. É através do espelho que Oxum pode observar o que está atrás de si, sua ancestralidade. Ela, como regente dos nascimentos, tem autorização para resgatar a sabedoria ancestral, para trazer o novo. É a energia do ciclo de renascimento que está ativa pelo poder de criar.

A água é o início e o fim de tudo; água que envolve o feto e guarda a gestação. Uma cachoeira pode ser tranquila, com uma linda queda d´água, mas com uma forte chuva, pode também ficar muito potente e causar destruição, assim como um rio transbordar e destruir plantações e casas. Por isso, Oxum não é somente a água que corre, doce e tranquila, a calmaria; ela pode ser a força da destruição, pois está além da fragilidade e da doçura.

Oxum emana luz e axé, guardando a porta de comunicação entre a ancestralidade e o nascimento. Rege os partos e carrega o seu espelho, enxergando, através de si, o potencial de renovação das gerações.

Oxum ilumina seus filhos, transferindo a luz do seu espelho para o seu caminhar. Esse espelho está, na verdade, voltado para o outro, e não para ela, para que possamos nos enxergar através dela, num processo de autoconhecimento individual, e da nossa ancestralidade tão discriminada desde o processo de escravização na diáspora forçada do povo africano.

Nesse sentido, ela é a grande guardiã da memória coletiva para que possamos reconstruir a nossa própria história, a história do povo negro, com toda potência e verdade que ela carrega.

Oxum – Foto: Cristiano Sant'Anna

O feminino e a matripotência

Nas culturas ocidentais de hegemonia euro-americana, o conceito de gênero foi construído a partir do binarismo antagônico masculino e feminino, onde o primeiro está sempre em posição hierarquicamente superior ao segundo. O patriarcado e o machismo são frutos dessa mesma linha de pensamento, que é também a mesma que secundariza tudo que for relativo ao feminino, inclusive, a maternidade e se desdobra em outras situações societárias, como relações de trabalho, espaços políticos e acadêmicos, entre outros.

A modernidade consagrou o privilégio do gênero masculino como essencial. Para Oyèrónkẹ́ Oyěwùmí, nigeriana, pesquisadora, feminista e professora da Universidade Stony Brook, segundo essa perspectiva, a maternidade é um protocolo do gênero feminino e a autora vai além:

> "A categoria mãe é encarada como sendo incorporada por mulheres que são esposas subordinadas, fracas, impotentes e relativamente marginalizadas socialmente" (OYĚWÙMÍ, 2016, p. 58).

Oyěwùmí defendeu, em sua tese de Doutorado, a desconstrução do conceito de gênero a partir da cosmogonia iorubá, questionando-o como um constructo ocidental e europeu tendo, como base, o sistema de família nuclear específico da episteme moderna, que não leva em conta outras configurações societais, como as tradicionais africanas.

Enquanto a cultura moderna ocidental fez da maternidade algo frágil e submisso, consequência do sexismo das sociedades patriarcais, na cosmogonia iorubá, o poder de gerar dá às mulheres outro status em sociedade. Segundo

Oyěwùmí (2020), na sociedade iorubá pré-colonial, as famílias se estruturavam a partir da senioridade, diferente da configuração de família nuclear patriarcal própria do Ocidente branco. Nessa estrutura familiar, como diz o ditado, a "antiguidade é posto", e não o gênero. Diz a autora:

> Então, significativamente, os centros de poder dentro da família são difusos e não são especificados pelo gênero. Porque o princípio organizador fundamental no seio da família é antiguidade baseada na idade relativa, e não de gênero, as categorias de parentesco codificam antiguidade, e não gênero. Antiguidade é a classificação das pessoas com base em suas idades cronológicas (OYĚWÙMÍ, 2020, p. 91).

Além do que foi exposto, Oyěwùmí, em suas pesquisas a respeito do *ethos* iorubá, defende também o princípio da "matripotência", que tem, como ideia central, a instituição "Ìya", que numa tradução mais aproximada, teríamos o conceito de mãe, principio este que se inicia na hora do parto: quando nasce uma criança, nasce também uma "Ìya".

"Ìya", segundo a autora, será o princípio criador, afinal, toda pessoa tem uma "Ìya", todos nós viemos de uma "Ìya". Ela estará no cerne da questão da senioridade, será ela o ser mais antigo, mais velho, a sênior reverenciada por sua prole; ninguém é mais velho que sua própria mãe. E como apenas as mulheres, chamadas pela autora de "anafêmea", têm o poder de gerar e parir, é dado a essas pessoas uma colocação em sociedade diferente ao ditado pelo Ocidente, que não está em patamar inferior a ninguém. Nas palavras da autora:

> A Matripotência descreve os poderes, espiritual e material, derivados do papel procriador de Ìyá. A eficácia de Ìyá é mais pronunciada quando são consideradas em relação a sua prole nascida. O ethos matripotente expressa o sistema de senioridade em que Ìyá é a sênior venerada em relação a suas crias. Como todos os humanos têm uma Ìyá, todos nascemos de uma Ìyá, ninguém é maior, mais antigo ou mais velho que Ìyá. Quem procria é a fundadora da sociedade humana, como indicado em Oseetura, o mito fundador iorubá. A unidade social mais fundamental no mundo iorubá é o par Ìyá e prole. Como apenas as anafêmeas procriam, a construção original de Ìyá não é generificada, porque seu raciocínio e significado derivam do papel de Ìyá como co-criadora, com Ẹlẹ́dàá (Quem Cria), dos seres humanos [...] (OYĚWÙMÍ, 2016, p. 60).

Com isso, entendemos que a estrutura familiar iorubá pré-colonial não era classificada por gênero e, consequentemente, não dava supremacia a um tipo de pessoa em detrimento à outra. As "anafêmeas" não estavam em papel de subordinação ou fragilidade; ocupavam, sim, papel de co-criação.

A organização familiar, pautada na senioridade, tem características muito mais dinâmicas, fluidas e igualitárias, onde os diferentes membros da linhagem, independente do que conhecemos como gênero, poderiam ser considerados os mais velhos/as.

Outro dado importante trazido pela pesquisadora, que coloca a instituição "Ìya" como o centro dessa perspectiva, é a ideia de coletividade, que está diretamente ligada à perpetuação do clã. Uma vez que, como já dito anteriormente, quando nasce uma criança, nasce também uma "Ìya", essa relação simbiótica ultrapassa os limites biológicos e passa a ser existencial, ou seja, elas coexistem coletivamente. Não

é o sangue paterno o condicionante-mor dos laços de parentesco e sim da "Ìya", que traz ao mundo, e de quem trouxe esta anteriormente, e assim sucessivamente, o que faz as estruturas familiares iorubás tradicionais serem desenhadas de outra forma ao reverenciar a ancestralidade.

Após o nascimento desse novo ser, "Ìya" será espiritual, social e financeiramente responsável por ele. Como estamos falando de uma cadeia ancestral, falamos também de uma coletividade, tendo Oxum como signo representativo. Ela é a primeira de todas as mães ancestrais. Nessa cosmogonia, Oxum é o orixá primordial, o protótipo de todas as "Ìyas". Oyěwùmí, em diálogo com Nkiru Nzegwu, ressalta:

> A ideologia da maternidade é o que dá às pessoas irmãs e linhagens um senso de lealdade e unidade. Embora uma linhagem consista de pessoas filhas de várias mães diferentes, o cimento que une essas pessoas irmãs não é o laço paterno, como alguns gostariam de acreditar, mas a mãe ou a ideologia materna da ancestral fundadora (NZEGWU *apud* OYĚWÙMÍ, 2016, p. 87).

Essa estrutura hierárquica e coletiva, de referência à matripotência, ainda hoje, pode ser vista nas dinâmicas dos terreiros de candomblés no Brasil. A função comunitária de criar e de gestacionar, é coletiva. Embora, biologicamente, exista a condição física de apenas as mulheres terem útero e, assim, gerar uma nova vida, o conceito trazido pela autora – e aqui utilizado, por nós, como reflexão –, apresenta-nos a característica coletiva, muito análoga ao processo de iniciação e criação de uma comunidade de terreiro.

> Na diáspora africana brasileira, o prestígio político das grandes mães funciona estritamente nos terreiros de candomblé, espaço de resistência negra restaurado por laços de afeto, família e hierarquia, no qual uma ialorixá carrega os valores ancestrais e culturais torneados de África. A mulher torna-se mãe dentro da relação com a ancestralidade, não nuclear, podendo ser matrilinear, em que filhos, em dependem de laços sanguíneos e do estado civil. Significa então dizer que não somente homens adultos podem gozar de prestígios oportunizados pela antiguidade e postos na família não nuclear e não heterossexual (BIBI BAKARÉ-YUSUF *apud* AKOTIRENE, 2019, p. 84).

Uma comunidade de terreiro, embora tenha sido construída nas brechas do poder colonial e, com isso, ter sido tocada por constituições ideológicas deste, manteve as noções de senioridade e matripotência gestora presentes. Numa organização de terreiro, não há disputa de lugar a partir do gênero: ialorixás (mães de santo) e babalorixás (pais de santo) têm o mesmo grau de importância hierárquica.

Outra ideia defendida por Oyěwùmí – e que também podemos encontrar em nossos terreiros –, está na criação coletiva. Nesse entendimento, os membros mais velhos são responsáveis pela criação dos novatos e não, necessariamente, apenas aqueles que "parem", no caso, ialorixás e babalorixás. Nos candomblés de Ketu, professados em terras brasileiras, temos as Ekedis, mulheres nas gramáticas dos terreiros, aprendemos que já nascem mães.

Ekedis – as mães do cuidado nos terreiros

Na página, Vendaval de Axé[3], seguida por mais de 200 mil pessoas, consta uma imagem de uma menina ekedi, com o texto da autora Renata de Oyá[4], com o título "Sobre ser mãe Ekedi":

> Por vezes já ouvi atrocidades do tipo: o orí dela é tão ruim que nem o santo quer pegar. Isso é extremamente doloroso de se ouvir ainda mais de pessoas que se dizem da religião e ainda assim não compreendem a magnitude de nascer mãe. O sagrado ama e abençoa a todas aquelas que escolhem para que sirvam com amor e dedicação aos deuses por esse motivo, parem de dizer atrocidades sem fundamento como as desse tipo. [5]

Uma Ekedi nasce com uma missão, assim como todos os outros dentro de uma casa de axé. Cada um tem seu caminho para trilhar e uma ligação diferente com as energias vindas do orún.

Ekedi é um cargo feminino, de mulheres que não entram em transe, ou seja, não incorporam os Orixás. Elas são escolhidas especialmente pelos Orixás e recebem a função de cuidar. Cuidam deles quando estão presentes em terra; cuidam do adepto enquanto este está em transe; cuidam também dos recém-iniciados nos momentos de feitura e zelam pelos ibás, objetos sacralizados que, usualmente, chamamos de assentamento do orixá.

Ekedis são mulheres que não raspam ou iniciam ninguém, mas não se faz uma iniciação sem uma delas presente. E são elas que ensinarão cada passo, cada palavra, cada receita de comida para um iaô[6]. Ekedis são o exemplo de que, para ser Ìya, não precisa parir, mas sim saber criar potências.

Ser Ekedi é nascer com a missão iluminada de conduzir e cuidar do sagrado. É ter a dádiva de ser escolhida, literalmente, apontada pelo orixá e zelar por ele e pelos filhos seus. É ensinar, aos que chegam, cada mínimo detalhe (dentro do permitido a cada um) de tudo o que acontece. É sentir a vibração correndo pelas veias e ver, com olhos abençoados, toda a magia acontecer enquanto os outros dormem. É manter a ordem antes, durante e depois de cada toque. É carregar tanta responsabilidade que, às vezes, pode dar medo, mas o orixá sempre irá capacitar as escolhidas.

Ser mãe Ekedi é um bom exemplo de como a maternidade pode ser concebida de diferentes maneiras. Uma Ekedi é respeitada como mãe, porém dela não nascem filhos. No modelo hierárquico da família de axé, elas são indispensáveis na iniciação e no processo de educar toda a prole. São elas que cuidam desde os não iniciados, chamados de abian, aos mais velhos da casa, conhecidos por egbomi[7], além de cuidar de toda ritualística, como expõe Ribeiro:

> Pensando num contexto brasileiro, o saber das mulheres de terreiro, das Ialorixás, das mulheres dos movimentos de luta por creches, lideranças comunitárias, irmandade de negros, movimentos sociais, outras cosmogonias a partir de referências provenientes da matriz africana, outras geografias de razão e saber (RIBEIRO, 2019, p. 27).

[3] Disponível em: https://www.facebook.com/vendavaldeaxe/. Acesso em: 07.04.2020.
[4] Orixá dos ventos, dos raios e tempestades, também conhecida como Iansan.
[5] Vide nota 3
[6] Filho de santo recém-iniciado, neófito.
[7] Aquele que já completou o ciclo de obrigações para o seu orixá, que leva sete anos.

Essas mulheres, muitas vezes meninas ainda, são possibilidades para repensarmos nossas posturas e construções feministas. É sabido que o movimento feminista vem, de longa data, lutando contra a estrutura patriarcal e sexista imposta pela sociedade. É de conhecimento de todos que essa construção, que nos foi imposta há muito tempo, atribuiu soberania e superioridade ao macho da espécie devido, principalmente, ao uso da força.

No entanto, vivemos hoje num modelo de sociedade diferente, em que a liderança não é mais medida por esse atributo. Inteligência, perspicácia, criatividade, inovação e, sobretudo senso de coletividade, são qualidades para o exercício de lideranças. E como Chimamanda Ngozi Adichie bem comentou, "não existem hormônios para esses atributos. Tanto homens como mulheres podem ser inteligentes, inovadores e criativos" (ADICHIE, 2019, p. 21).

O feminino do candomblé transbordado nas redes sociais

Um itan nos conta que:

> Olissá criou a galinha d'angola, chamada de *Etú*, quando habitantes de uma aldeia estavam sendo assombrados por Ikú (a morte), que por ordem do grande rei, pegaram uma galinha preta e pintaram com efun (pó branco), e quando Ikú viu aquele animal estranho fugiu assustado e nunca mais voltou. Yemonjá[8] pegou então a angola, que passou a ser um animal sagrado e fez dela seu primeiro Ìyaô (novato). Até que um dia Yemonjá resolveu fazer o mesmo com sua mucama e assim foi criado o primeiro Ìyaô humano, que mais tarde, se tornaria uma sacerdotisa. Vendo que a notícia se espalhara depressa e que os outros Orisás fariam o mesmo, Yemonjá resolveu fazer uma reunião e consultou Orunmilá que convidou todos os Orisás. Chegando à reunião, Orunmilá ordenou que cada orisá escolhesse, ainda no ventre da mãe, uma criança para que ela fosse o sacerdote daquele orisá e que não virasse com nada. Já que se na terra fariam vários Ìyaôs e, mais tarde, seriam sacerdotes quem zelaria por eles, se todos virassem com Orisá quem olharia pela casa de santo por tudo, quem zelaria por eles Orisás quando viessem no ori dos Yáwôs. Assim surgiu a primeira ekedji do ventre de uma mucama de Yemonjá.

Esse itan, publicado Na página, "Manias de Ekedys[9]", da rede social Facebook, nos traz a história sobre a primeira Ekedi no mundo que foi criada no mundo pela cosmopercepção iorubá e a importância das Ekedis como "mães" do cuidado nos terreiros de candomblés, trazendo para o nosso diálogo como potência e visibilidade nas redes sociais.

Vivemos num mundo onde a cibercultura tem ocupado um papel cada vez mais protagonista, potencializado, principalmente, pelas redes sociais e nos seus atos de clicar, postar, curtir e comentar, quer sejam imagens, textos e/ou vídeos. Nesse contexto, entendemos que estamos vivenciando na/da "Sociedade do Compartilhamento" (SANT'ANNA, 2017) onde imagens são cada vez mais clicadas, criadas, postadas, curtidas e/ou comentadas, bem como compartilhadas nos seus mais diferentes usos nas diversas redes sociais existentes.

Nesse mundo onde a cibercultura tem ocupado um espaço cada vez mais

[8] Utilizamos a grafia em iorubá, como consta na página mencionada.

[9] Disponível em: https://www.facebook.com/manias.deekedys. Acesso em: 10.02.2020. Grifo do autor.

atuante nos contextos sociais, políticos, econômicos e culturais, compreendemos as redes sociais, como "redes educativas" (ALVES, 2008) e, esse contexto, *espaçostempos*[10] de troca e aprendizado, assim como as escolas, os terreiros, o cinema.

Nesse processo contemporâneo, o que podemos observar é que, além da facilidade que a tecnologia tem nos proporcionado para produção e consumo de imagens, as redes sociais, tais como Facebook, Instagram, WhatsApp, dentre outras, vêm facilitando a circulação, cada vez maior, de imagens do nosso cotidiano. Tudo é motivo para fotografar, registrar e publicar.

Todas as relações que as redes sociais vêm permitindo, desde sua criação, e a potência que tem gerado na nossa atualidade, é um fenômeno social que tem crescido continuamente e provocado mudanças, até mesmo, nas formas como nos relacionamos com o mundo a nossa volta num verdadeiro processo de midiatização.

Entendemos que as religiões fazem parte dos processos sociais e culturais das sociedades e, com isso, estão inseridas nas relações cotidianas advindas destes processos. Assim, temos observado que o fenômeno das redes sociais tem invadido o cotidiano das diferentes religiões e, assim, os terreiros e seus adeptos têm seguido esse movimento que se torna cada vez mais potente, acompanhando a atualidade e indo contra, às vezes, com as proibições "impostas" pelas tradições advindas das autoridades dos terreiros e sua exposição para além muros, como dissemos no início do nosso texto.

Nas diferentes redes sociais, encontramos uma multiplicidade de páginas relacionada às religiões de matriz africana. São fotografias dos seus adeptos com suas roupas ritualísticas, mensagens de Orixás e Guias, vídeos de saídas de santo, páginas de Ogans[11], de Ekedis e, até mesmo, páginas e/ou sites de terreiros. Clicar, postar, curtir, comentar e compartilhar são ações que vários de nós, usuários das redes sociais, urdimos cotidianamente. Uma profusão de imagens, quer sejam fotografias ou mesmo audiovisuais, são publicadas nessas redes num processo incorporado indo além de um seguidor, mas também como "imaginantes" (SANT'ANNA; CAPUTO, 2018) que contribuem para a manutenção dessas páginas.

Pensamos que as imagens veiculadas nas redes sociais, nesse processo de midiatização, estão numa relação de "visibilidade e vigilância". Nesse sentido, ao mesmo tempo que as imagens pensam, elas se encontram em um campo controverso, podendo nos dar visibilidade e status, como também possibilitar vigilância e, até controle, da sociedade contemporânea.

As imagens divulgadas pelos terreiros e seus adeptos, com cargos ou não, mostram que, para além da importância das religiões de matriz africana e todo seu legado ancestral, também existe o orgulho que seus praticantes possuem em fazer parte dessas religiões que, ao longo dos tempos, sempre foram alvo de perseguição e continuam, até hoje, nessa onda conservadora que estamos

[10] A grafia usada visa, conforme os princípios da "Pesquisa nos/dos/com os cotidianos", problematizar o modo dicotômico de pensar/narrar, que se tornou hegemônico na ciência moderna (SANT'ANNA, 2017).

[11] Cargo masculino, nas religiões de matriz africana, cuja principal função é tocar os atabaques (tambores rituais).

vivenciando em nossa contemporaneidade.

Entendemos que essas páginas das redes sociais, como as selecionadas para esse texto e tantas outras existentes dentro desse universo feminino das Ekedis, reafirmam a importância do gênero feminino, mantenedor das relações praticadas nas religiões de matriz africana, bem como na tentativa de derrubar as barreiras do racismo religioso que, a cada dia, tem aumentado nas nossas vivências cotidianas. Nesse sentido, Bell Hooks nos ajuda a pensar que "compartilhar pensamentos e práticas feministas sustenta o movimento feminista. O conhecimento sobre feminismo é para todo mundo" (HOOKS, 2019, p. 48).

As imagens fazem parte dos cotidianos e, dessa forma, são atuantes nas redes que são tecidas pois "não há sororidade se o movimento feminista não se enxergar como antirracista" (HOOKS, 2019, p. 92).

Considerações finais

Nessa reflexão, buscamos entender como o feminino das religiões de matriz africana, representado em Oxum, orixá das águas doces, protótipo da grande mãe criadora e que está no centro do que se entende como "Matripotência", ainda hoje, assume papel de relevância na organização das famílias de axé atuantes nos terreiros das religiões de matriz africana no Brasil.

Assinalamos que na ideia coletiva de "íyadade", em substituição à maternidade, que traz em si aspectos próprios de uma cultura patriarcal eurocentrada, nos terreiros de candomblés encontramos as Ekedis, mães que cuidam, mães do cuidado.

Tal qual como Oxum, essas mães Ekedis são partes constituintes da resistência de mulheres escravizadas, que viveram e sobreviveram a travessia do Atlântico, assim como possibilita a nos mantermos conectados, religiosa e espiritualmente, com o que é belo e forte, vivo e sagaz, ao contrário do lugar fútil e superficial que o machismo insiste em tentar colocar as mulheres na nossa sociedade.

Nesse sentido, entendemos que o feminino das Ekedis pode transbordar nas redes sociais, como potência interlocutora de luta antirracista, num processo que intensifica a visibilidade das religiões de matriz africana, no combate ao racismo religioso, fruto do racismo estrutural e estruturante de nossa sociedade, provocado ainda mais por essa onda conservadora que estamos vivendo na nossa contemporaneidade.

Pensamos que essas linhas possam, assim como as águas, abrir diferenciadas possibilidades de pensamento e reflexão, para desenvolvermos novas estratégias de luta feminista, agregando olhares outros para além do que já está posto. E que essas mulheres possam nos ensinar a olhar, de múltiplos ângulos, o que chamamos de feminino, e que saibamos ver, pelo reflexo do abebê de Oxum, com sua potência ancestral da criação.

Pensemos no que Oxum, a Ìya primordial, nos ensinou, com toda sua astúcia e estratégia: a guerra nem sempre é vencida no campo de batalha. Saibamos, assim, fortalecer-nos no coletivo e ganhar territórios.

Referências

ADICHIE, C. N. **Sejamos todos feministas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

AKOTIRENE, C. **O que é interseccionalidade?** Rio de Janeiro: Letramento, 2019.

ALVES, N. Decifrando o pergaminho: os cotidianos das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In: ALVES, N.; OLIVEIRA, I. B. (Orgs.) **Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas**. 3. ed. Petrópolis, RJ: DP, 2008. p. 15-38.

CAPUTO, S. G. **Educação nos terreiros e como a escola se relaciona com crianças de candomblé**. Rio de Janeiro: Pallas, 2012.

HOOKS, B. **O feminismo é para todos**: políticas arrebatadoras. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.

OYĚWÙMÍ, O. **Matripotency**: Ìyá in philosophical concepts and sociopolitical institutions. What Gender is Motherhood? New York: Palgrave Macmillan, 2016. v. 3. p. 57-92.

_____. Conceituando o gênero: os fundamentos eurocêntricos dos conceitos feministas e o desafio das epistemologias africanas. In: HOLLANDA, H. B. (Org.) **Pensamento feminista hoje**: perspectivas decoloniais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo. 2020. p. 84-95.

PRANDI, R. **Mitologia dos Orixás**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

RIBEIRO, D. **O que é lugar de fala?** Rio de Janeiro: Letramento, 2019.

SANT'ANNA, C. **#DIFERENÇA**: pensando com imagens dentrofora da escola. 2017. 195 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Educação (Proped), Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, 2017. Disponível em http://www.proped.pro.br/. Acesso em: 10.02.2020.

SANT'ANNA, C.; CAPUTO, S. Ninguém é seguidor, somos todos imaginantes. In: VIDAL, H.; UCELLI, M. (Orgs.). **Educação, Comunicação, Cultura e Diferença**. Vitória, ES: Pedregulho, 2018.

Recebido em 2020-06-01
Publicado em 2021-03-06